



Para se fazer nada: Iluminuras e Construção com uso de Traquinanas

To do nothing: Illuminations and Construction using Gadgets

Danielle Lourenço de Campos¹

Maria Luiza Medeiros Faria²

Márcia Baiersdorf³

Eliane Carolina Dias Sobrinho Gonçalves⁴

RESUMO

Como dizia o poeta Manoel de Barros (1989, p. 58), “as coisas mais insignificantes me dão ideias”. Justamente disso sentimos apreço, pois compreendemos a infância não apenas como um dos tempos da vida, mas também um estado para qual podemos retornar e mesmo praticar em nosso dia a dia. Nesse sentido, adultos e crianças podemos nos reconhecer em estado de infância. A literatura do poeta é um portal. Partimos de nossa presença no Projeto de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Alfabetização (Pedagogia/UFPR), propondo oficina realizada durante a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Setor de Educação da universidade (SEPE, 2025), junto a comunidade acadêmica, objeto deste relato. Momento oportuno agora rememorado. “*Passadopresente*” cuja proposta continua a ser a suspensão dos afazeres diários, e, nesse hiato, sentir o cotidiano diferente, e com o objetivo de tecer em nossas práticas educativas, possibilidades imaginativas como marcas propícias a criação, no ato de deixar-se atravessar por uma experiência partilhada, desejando tempos outros em nossas condições de vida, cada um de nós e uns com os outros, confeccionando objetos inventados e fanzines, sob a poética da infância para a qual caminhamos naquela fria manhã curitibana de outono.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Infância; Experiência; Cotidiano.

ABSTRACT

As the poet Manoel de Barros (1989, p. 58) once said, “the most insignificant things give me ideas.” It is precisely from this that we draw appreciation, for we understand childhood not merely as one of the stages of life, but also as a state to which we can return and even practice in our daily lives. In this sense, both adults and children can recognize themselves in a state of childhood. The poet’s literature is a portal. We began from our participation in the Teaching Initiation Project (PIBID) – Literacy Subproject (Pedagogy/UFPR), proposing a workshop held during the Teaching, Research, and Extension Week of the Education Sector at the university (SEPE, 2025), with the academic community, which is the focus of this report. A timely moment now recalled. A “pastpresent” whose proposal continues to be the suspension of daily tasks and, in that pause, to feel everyday life differently, aiming to weave into our educational practices imaginative possibilities as marks conducive to creation—allowing ourselves to be crossed by a shared experience, desiring other times in our living conditions, each of us and all

¹ Licenciada em Artes com ênfase em Teatro pela Unespar - Faculdade de Artes do Paraná. Discente do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná. E-mail: contatodaniellecamos@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6292-4574>

² Graduanda da Universidade Federal do Paraná do curso de Pedagogia. mariaahluizaah14@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3633-4058>

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. E-mail: marcia.baiersdorf@ufpr.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6028-5031>

⁴ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. E-mail: contatodaniellecamos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6292-4574>



together—crafting invented objects and fanzines under the poetics of childhood, toward which we walked on that cold autumn morning in Curitiba.

Keywords: Manoel de Barros; Childhood; Experience; Everyday life.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar e refletir sobre a oficina intitulada “Para se fazer nada: Iluminuras e Construção com uso de Traquinanas”, realizada em 28 de maio de 2025. O relato contempla as nuances e as circunstâncias do momento em que a atividade ocorreu. A saber, o dia correspondeu ao 148.º dia do ano no calendário gregoriano, uma quarta-feira (dia de Mercúrio), e o tempo *cronos*, vivenciado como *kairos*, correu entre 10h e 11h30min. Uma manhã fria, com o termômetro marcando 10°C, com muitas nuvens no céu cinzento, típico outono curitibano. Sentia-se a diminuição das temperaturas, anunciando a próxima estação, todos envoltos por seus agasalhos. A fase lunar era a nova, faltando seis dias para a fase crescente, simbolizando o início de um novo ciclo, também chamado de luação.

Foi neste contexto que ocorreu a primeira prática, oferecida para a comunidade acadêmica, marcando um novo percurso formativo, com novas experimentações e aprendizados. A oficina integrou a programação da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (SEPE/UFPR) de 2025, cujo tema central foi “Inclusão, Diversidade e Sustentabilidade: como a práxis presente impacta em um futuro humanizado?” O evento, realizado entre os dias 26 e 31 de maio, incluiu conferências, comunicações orais, mesas-redondas, minicursos, oficinas e publicações de livros. A atividade ocorreu no Campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em uma sala ampla e bem iluminada, com janelas grandes voltadas para a Rua Sete de Setembro. O edifício Teixeira Soares, que abriga o campus, é uma construção da década de 1940, restaurada para uso universitário e reconhecida como unidade de interesse de preservação do município de Curitiba.

As autoras deste relato são discentes do curso de Pedagogia da UFPR e integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto Alfabetização em Escolas de Tempo Integral, coordenado pela professora Márcia Baiersdorf. O grupo



ingressou no programa no final de 2024 e é composto majoritariamente por mulheres trabalhadoras, interessadas em atuar com e para uma educação de qualidade.

O subprojeto busca refletir sobre o processo de alfabetização e as experiências escolares, buscando relacionar tempos e espaços de abertura para as infâncias que frequentam as classes de alfabetização. Pretende-se, construir práticas educativas criativas e significativas, que contribuam para a permanência prazerosa das crianças na escola. Tal perspectiva contempla as dimensões cognitivas, afetivas, motoras, históricas e sociais do ser humano, algo próximo dos princípios de uma educação integral.

O grupo atua em uma escola localizada no bairro do Atuba, acompanhando as atividades do segundo ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, sob orientação da professora regente, uma alfabetizadora experiente e afetuosa. Além desta instituição, o subprojeto se distribui em mais duas escolas, localizadas nos municípios metropolitanos de Piraquara e Araucária, igualmente supervisionados por outras duas competentes alfabetizadoras, em turmas de segundo e primeiro anos respectivamente. Assim, este coletivo é composto no momento por 20 estudantes do curso de Pedagogia.

A proposta da oficina relatada surgiu durante os encontros de planejamento e formação do grupo, sendo conduzida pelas acadêmicas Alice, Maria Elice, Bruna, Danielle Fernanda, Iracilda, Maria Luiza, Marya Eduarda e Patrícia, sob orientação da professora coordenadora. O registro dessas participantes tem como objetivo reconhecer suas contribuições na construção da atividade e na consolidação desta experiência formativa.

Opta-se em começar, assim, pelas miudezas, revelando os detalhes, as singularidades, pois como dizia o poeta Manoel de Barros (1989, p. 58), “as coisas mais insignificantes me dão ideias”, e, nessa perspectiva, este trabalho visa valorizar os pequenos gestos e as práticas que, embora simples, são capazes de produzir significativas aprendizagens.

REFERENCIAL TEÓRICO

A oficina “Para se fazer nada: Iluminuras e Construção com uso de Traquinanas” inspira-se profundamente na obra e na sensibilidade de Manoel de Barros, poeta cuiabano reconhecido por transformar o simples em grandioso. Representante singular do pós-



modernismo brasileiro, Manoel cultivava um olhar inventivo e lúdico sobre o mundo, brincando com os sons das palavras e revelando, em suas composições, uma ternura sutil pela natureza e pelo cotidiano. Sua poesia nasce da desordem organizada, abrindo espaço para o extraordinário que habita o comum. O ritmo e a musicalidade de seus versos convidam à escuta e à contemplação. O homem por trás das palavras era afetuoso, discreto e curioso — um observador paciente, capaz de enxergar beleza nas pequenas coisas, como um colecionador de miudezas e milagres.

Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa. Caminho todas as tardes por estes quarteirões desertos, é certo. Mas nunca tenho certeza. Se estou percorrendo o quarteirão deserto ou algum deserto em mim.
(BARROS, Manoel de. *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 399.)

Em fevereiro de 2025, a convite da professora Márcia Baiersdorf, assistimos ao documentário “Só Dez por Cento é Mentira — Manoel de Barros, *Desbiografia Oficial*” (Pedro Cezar, 2008). O título remete a uma frase do poeta, “Tenho uma confissão: noventa por cento do que escrevo é invenção; só dez por cento é mentira” (BARROS, 2010, p. 39). O documentário, sensível e poético, apresenta o poeta em suas “várias infâncias” — inclusive a terceira, vivida entre os setenta e oitenta anos —, intercalando poemas, entrevistas e depoimentos de leitores profundamente tocados por sua obra. Como destacou o diretor Pedro Cezar (2014), Manoel foi “inventivo, original, experimental e atrevido até o fim da vida”, um autor cuja escrita desperta em todos o desejo de também criar.

Viviane Mosé, poetisa, filósofa e psicanalista brasileira percebeu na obra de Manoel que a filosofia, a razão e a lógica não dão conta de todas as sensações, ela comenta no documentário que muitas das frases de Manoel de Barros não a fazem querer comentar, mas calar, e, assim, sentir por outras linguagens. Adriana Falcão, roteirista e escritora brasileira, também passa boa parte de seu tempo “divagando inutilidades”, ela quer saber para onde vai a água da chuva, para onde vai o balanço das folhas e as tampas de canetas bic. Ela diz que a simplicidade da poesia de Manoel é carregada de profundidade, difícil de teorizar. Elisa Lucinda, atriz, cantora, poeta e escritora brasileira reconhece em Manoel alguém que alcançou a liberdade interna e atingiu um lugar avançado da inteligência- o humor. Com o humor, ela diz, “nós damos a volta pelo sentido”. Aos olhos desse grupo, elas todas praticam por esse pensamento suas próprias



infâncias, um convite para que também nós possamos bordar em nossas docências esse colorido, e ainda, sem esquecer de que em diálogo com as crianças esses fios conduzem processos formativos ainda mais criativos porque as crianças são capazes de sentir de muitos modos, de exercer um pensar curioso, gentil e bem-humorado, como também nos fazem calar quando lhes é negado o direito à infância.

A partir da fruição do documentário, refletimos sobre o tempo da criança — esse tempo do olhar curioso e do brincar sem pressa, que o adulto tantas vezes perde. Manoel nos inspira a reencontrar o prazer de “não fazer nada”, de observar o pequeno e o ínfimo, de *transver* o mundo e de subverter as coisas. Como dizia, “O olho vê. A lembrança revê. A imaginação *transvê*.” (BARROS, 1996, p. 3). Foi nesse espírito que concebemos a oficina, como um espaço para acolher o sensível, o inútil e o poético. Desejamos partilhar esse olhar com crianças, professores, acadêmicos e comunidade — um convite para redescobrir o encanto das coisas simples, onde o “inútil” se revela potência criadora.

Nosso trabalho também foi pensado à luz do *indiciarismo*, paradigma interpretativo baseado em indícios, pistas e vestígios. O conceito, sistematizado por Carlo Ginzburg no ensaio “*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*” (1979), propõe a observação atenta dos detalhes e dos acontecimentos pouco evidentes do cotidiano. O método indiciário valoriza o particular e o fragmento, rejeitando a objetividade absoluta e as generalizações típicas do positivismo. Segundo o autor, “*o método indiciário não busca a totalidade, mas a compreensão profunda de fragmentos que, juntos, podem revelar uma verdade mais ampla*” (GINZBURG, 1989, p. 177). Percebemos afinidades entre a poética de Manoel de Barros e o paradigma indiciário, especialmente na valorização do ínfimo, do irrisório e do fragmento. Tanto o poeta quanto Ginzburg partem do menor para revelar o essencial — o que passa despercebido em uma sociedade acelerada, mas guarda potência criadora e sentido de pertencimento.

Inspiradas por esse olhar, reconhecemos a importância da poesia que atravessa o cotidiano e questiona práticas que normalizam o educar. Pensar a educação como partilha do sensível, como abertura ao pequeno e ao singular, é propor alternativas aos modelos hegemônicos de ensino. Afinal, como construir outras racionalidades sem reconsiderar aquilo que nos faz pertencer?



Durante o processo, aproximamo-nos também do conceito de “infra-ordinário”, de Georges Perec (1936–1982), escritor francês que transformou o banal em poesia. O termo designa aquilo que está *abaixo da ordem do ordinário* — o repetitivo, o trivial, o que passa despercebido. Em “*O Infra-Ordinário*” (1989), Perec propõe uma atenção plena aos micros gestos e sons cotidianos, ao “ruído de fundo” da vida. Como escreve o autor: “*O que acontece a cada dia e que sempre retorna — o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infra ordinário, o ruído de fundo, o habitual.*” Essas perspectivas — o *indiciarismo*, a poética de Manoel de Barros e o *infra-ordinário* de Perec — convergem em um mesmo gesto: reencanta o olhar para o comum, abrindo espaço para que o sensível e o pequeno sejam reconhecidos como lugares legítimos de conhecimento e criação. No texto “*Aproximações do quê?*” (*Approches de quoi*), publicado pela primeira vez em 1973 na revista *Cause Commune*, Georges Perec desenvolve suas reflexões sobre o que chamará de “ruído de fundo” — espécie de resto que compõe o dia a dia da vida humana, mas ao qual raramente prestamos atenção.

O que é preciso interrogar é o tijolo, o concreto, o copo, nosso comportamento à mesa, nossas ferramentas, a organização de nossas ocupações, nossos ritmos. Interrogar o que parece ter cessado para sempre de nos espantar. É claro que vivemos, que respiramos; nós andamos, abrimos portas, descemos escadas, sentamo-nos à mesa para comer, deitamo-nos em uma cama para dormir. Como? Quando? Por quê? (PEREC, 1973, p.179)

O autor nos convida a voltar o olhar ao que há de mais banal e reiterativo na existência.

METODOLOGIA

A oficina foi pensada a partir da busca por um tempo de ócio, sob o olhar e a linguagem das crianças — inclusive das crianças que um dia fomos ou aquela ainda possível de ser praticada. Desejávamos que a oficina possibilitasse perceber as singularidades, as miudezas e as sutilezas do cotidiano. Ao refletirmos sobre a relação das crianças com os espaços, objetos e pares, reconhecemos o quanto, como adultas, nos tornamos saudosistas e desconectadas da realidade infantil, sobretudo em uma sociedade marcada pela aceleração e pelo produtivismo. Byung-Chul Han, em *A Sociedade do Cansaço* (2017), nos alerta sobre essa “sociedade do desempenho”, na qual nos tornamos sujeitos que se *autoexploram* em nome da produtividade.



Cercados pelo excesso de informações e pela exigência de eficiência, vivemos o paradoxo da liberdade disciplinada — produzindo mais, mas sentindo menos. Essa leitura nos atravessou enquanto professoras: em meio à precarização do trabalho docente e à *plataformização* da educação, somos constantemente pressionadas por metas, resultados e aparente inovação. Essa lógica gera cansaço, ansiedade e esgotamento, afetando nossa saúde e os processos educativos. Quando estamos exaustas, tendemos a reproduzir com as crianças, o mesmo modelo de cobrança e desempenho que nos oprime — e assim, o lúdico, o gesto e a criação são desvalorizados. Por isso, compreendemos a urgência de criar espaços de pausa e acolhimento, momentos em que possamos “não fazer nada” e experimentar o tédio criativo. Respeitar o tempo da criança exige, também, que reaprendamos a respeitar o nosso.

Em diálogo com Han, encontramos ressonância em Nuccio Ordine, que em *A Utilidade do Inútil* (2013) defende a importância dos saberes livres de finalidade prática. Para o autor, há utilidade justamente no que não serve ao lucro, mas cultiva o espírito, a arte e o pensamento. Como ele afirma:

A utilidade dos saberes inúteis contrapõe-se radicalmente à utilidade dominante, que em nome de um interesse exclusivamente econômico, está progressivamente matando a memória, as humanidades, a fantasia, a arte e o pensamento crítico.
(ORDINE, 2013, p.12)

Com essas reflexões, entramos no mundo das *peraltagens* de Manoel de Barros, na inusitada imagem do “*menino que carregava água na peneira*”. Partimos para a construção de nossas próprias *traquinanas* — obras sem função prática, guiadas pela imaginação e pelo prazer de criar. Em uma ação formativa mediada pela professora Márcia (24/02/2025), utilizamos sucata, papéis coloridos, galhos, restos, recortes e tecidos para dar forma a esculturas, amuletos, máquinas surreais e objetos mágicos. Fizemos uma pequena exposição e partilhamos as narrativas e sensações despertadas nessa criação. Isso nos ajudou a vislumbrar a proposta da oficina que veio depois, entendida e conduzida como um exercício de liberdade e imaginação, onde fazer nada é, paradoxalmente, fazer tudo: é abrir espaço para o sensível, o inútil e o poético.

A oficina foi um encontro entre integrantes do PIBID, outros estudantes da UFPR e membros da comunidade, os quais naquele dia de luação estiveram conosco. Iniciamos o momento com uma roda de conversa sobre o poeta Manoel de Barros, suas palavras inventivas



e seu olhar amoroso para o mundo. Lemos coletivamente o poema “O Apanhador de Desperdícios”, da obra *Memórias Inventadas*, texto que traduz com delicadeza o gesto poético de valorizar o que é pequeno, esquecido ou considerado sem valor. Nesse poema, o eu lírico se apresenta como um colecionador de restos — alguém que encontra beleza no que o mundo rejeita, transformando o banal em encantamento. Ao afirmar: “*Prezo insetos mais que aviões. / Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis*”, Manoel de Barros nos convida a rever as hierarquias da utilidade, escutar o silêncio e enxergar poesia nas margens. Seu quintal, “maior do que o mundo”, é metáfora da imaginação sem cercas, onde o inútil se torna essencial. O poema foi impresso e entregue a cada participante. Após a leitura, lançamos uma provocação: “Você já fez nada hoje?”

A pergunta, aparentemente simples, abriu um espaço de pausa e riso. Para Manoel, o “nada” nunca é vazio — é o tempo de olhar o céu, ouvir um passarinho, brincar com o pensamento solto. Fazer nada é permitir que o olhar se desarme e a curiosidade se *reencante*. No ritmo apressado da vida contemporânea, esse gesto se torna um ato de resistência, parar para sentir.

Confecção de Traquinanas

O eixo da oficina foi a confecção de *traquinanas* — objetos criativos sem finalidade prática, nascidos do encontro entre imaginação e inutilidade. Nosso objetivo era discutir o tempo da infância e o valor das práticas experimentais, compreendidas como gestos de interrupção ao ritmo acelerado do cotidiano, inclusive o das escolas.

Em uma grande mesa dispusemos uma “sacola de inutilidades”: botões, pedras, latas, tecidos, pedaços de madeira, flores de plástico, fotografias, papéis de bala, engrenagens e pequenos restos de brinquedos. Cada participante escolheu seus materiais e começou a compor algo novo, guiado mais pelo acaso e pelo desejo do que por um objetivo definido. O ambiente logo se encheu de murmúrios e risos — o barulho do criar. Surgiram esculturas poéticas, amuletos, pequenas máquinas imaginárias e objetos mágicos, todos feitos do que antes seria descartado. Sob influência do documentário chamamos essas invenções de *traquinanas*.



A cada *traquinana* concluída, havia um relato. Pedaco de infância recuperado, uma lembrança *ressignificada*, uma história que se reinventava. Ao final, montamos uma *exposição efêmera*, um espaço de partilha e encantamento. Cada obra, por mais simples, trazia consigo um gesto de resistência ao utilitarismo: um tempo dedicado ao “inútil”, ao jogo e à criação livre. Para nós este exercício revelou-se uma forma de *transver* — como dizia Manoel de Barros —, de olhar o mundo com olhos de criança e devolver sentido às pequenas coisas.

Fanzines

Além das *traquinanas*, propusemos aos participantes a criação de fanzines artesanais — publicações independentes que unem escrita, imagem e imaginação. A palavra *fanzine* vem da junção de *fan* (fã) e *magazine* (revista). Tradicionalmente, os fanzines nasceram como meios de expressão livre e coletiva, feitos à margem das grandes editoras, sem o intuito de lucro, mas com o desejo de partilha. Surgiram nas décadas de 1930 e 1940 entre os amantes da ficção científica, e floresceram nas décadas seguintes dentro dos movimentos contraculturais — punks, feministas, anarquistas, artistas e comunidades LGBTQI+ — que buscavam dar voz a quem não tinha espaço nos meios oficiais. Os fanzines sempre foram território da imperfeição criadora. Feitos com colagens, recortes, datilografia, desenhos, fragmentos de jornais e costuras improvisadas, carregam a marca do gesto e da mão de quem cria. Cada exemplar pode ser único, artesanal, e é justamente essa precariedade estética que produz beleza, intimidade e rebeldia. O fanzine é o oposto da uniformidade industrial. Nele, o “erro” vira linguagem, a mancha é vestígio, e a dobra irregular é expressão. Essa prática valoriza a singularidade e o fazer manual, ampliando o espaço da experimentação poética. Ao misturar palavra, imagem e matéria, o fanzine se torna um diário visual e afetivo, um convite a narrar o próprio olhar sobre o mundo. Nele, cada recorte e cada traço funcionam como indícios — ecos do paradigma indiciário que também orientou nossa oficina —, fragmentos que revelam modos de ver e sentir.

A experiência de criar fanzines, portanto, se insere no mesmo movimento das *traquinanas*: o de fazer “nada” como gesto criativo e libertador. Fazer “nada” é criar um tempo sem finalidade, um espaço de invenção sem produtividade, onde o pensamento e a arte se encontram na delicadeza do ínfimo. Entre colagens, papéis e risadas, transformamos o ordinário



em poético e o inútil em essencial. Assim, entre *traquinanas* e fanzines, experimentamos o fazer despretensioso — um tempo lento, de descoberta e partilha, onde o “nada” se revelou como potência criadora.

Encerramento da oficina

A oficina se transformou em um território de descanso e invenção, onde o “nada” se converteu em experiência estética e pedagógica. Entre poesias, sucatas e risadas, revisitamos o quintal perdido da infância e compreendemos que educar também é abrir espaço para o inútil, para o gesto gratuito e criador. Em um tempo em que tudo parece precisar ter um fim produtivo, fazer *traquinanas* e fanzines foi um modo de dizer que ainda há lugar para a lentidão, o olhar e o espanto — lugares onde, talvez, a poesia continue a morar. Vejamos sequência imagética representando algo daquele acontecimento.

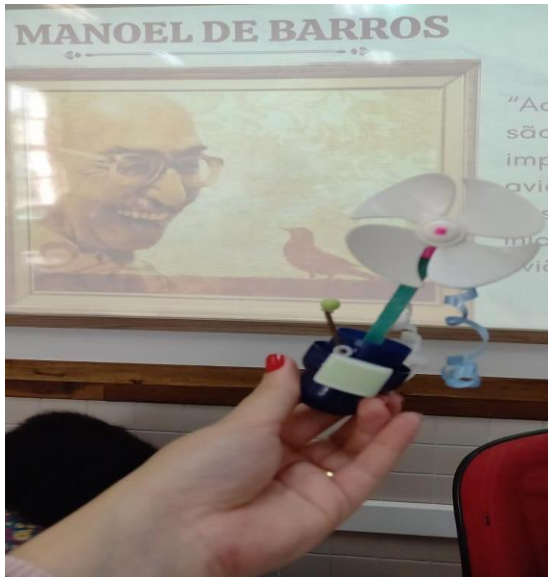
Figura 1 – Grupo do PIBID



Fonte: acervo digital do programa (2025)



Figura 2- Assoprador de poesias-criação de traquinanas **Figura 3-** Criação de traquinanas



Fonte: acervo digital do programa (2025)

Figura 4- Fanzines



Fonte: acervo digital do programa (2025)



Figura 5 - Criação de fanzines



Fonte: acervo digital do programa (2025)

CONCLUSÕES

António Nóvoa, educador e pesquisador português reconhecido por suas contribuições à formação docente, nos lembra que o educador se forma a si próprio por meio da atenção e da reflexão sobre o próprio percurso pessoal e profissional. Trata-se de um caminho de *autoformação*. Esse processo se dá na relação com os outros, amadurece nas experiências, nas emoções e nos afetos. Para Nóvoa (2001), a formação do professor ultrapassa a dimensão técnica pois envolve autoconhecimento, sensibilidade e escuta de si. Na mesma direção, Rudolf Steiner, filósofo e educador austríaco, afirma que além do domínio dos conteúdos e das metodologias, o professor precisa cultivar uma compreensão profunda da vida, algo que “constantemente se renova nele próprio”. Inclua aqui e nas referências Nilda Alves.



Assim, a formação docente não é apenas um acúmulo de saberes, mas um processo interior, vivo e autocrítico, que se alimenta da subjetividade e da experiência. Como futuras pedagogas, compreendemos que também nos formamos através das coisas, dos saberes, das artes, das culturas e das tecnologias. Aprender a educar é também aprender a olhar o mundo — e a nós mesmas — com mais delicadeza. Este trabalho nos proporcionou a vivência e a concretização dos conteúdos trabalhados nos encontros formativos do PIBID no primeiro semestre de 2025.

Além da oficina aqui apresentada, nossa formação se tece nos cadernos companheiros, por nós chamados *viajantes*, aquele que passa de mão em mão, a cada semana, cada uma registrando para as outras (e outro) algo sentido como significativo. E ainda o *caderno portfólio*, particular e produzido em dupla, pois trabalhamos nestas semanas em pares, fixos, para que possamos exercitar a ajuda mútua com a constância de uma docência compartilhada, aprofundando elos de um pensar com a outra sobre o que fazemos. Nestes cadernos, escrevemos, colamos, refletimos, deixamos rastros. Registrar é, para nós, um gesto de permanência, traz do narrar a própria formação, recolhendo as miudezas e singelezas que compõem nosso fazer pedagógico. Continuamos nossas práticas na escola, onde seguimos aprendendo a partir do olhar das crianças — um olhar que nos ensina a valorizar o ínfimo, o detalhe, o instante.

Tivemos a oportunidade de experimentar, repensar e recriar práticas educativas, sendo simultaneamente *alunas e professoras*, aprendizes e mediadoras. Nosso percurso foi construído com leitura, criação, partilha e registro. Cada etapa, do recolhimento de materiais à mediação da oficina, foi vivida com envolvimento e afeto. Nosso caminho, assim como o processo formativo que o acompanha, *permanece em construção*. Por isso, não falamos em resultados, mas em *sensações vividas* e na certeza de continuidade. Seguimos, inspiradas por Manoel de Barros, acreditando na potência do inútil, na sabedoria do pequeno e na poesia que habita o gesto simples — porque, afinal, é no “nada” que muitas vezes descobrimos tudo o que somos capazes de criar. Conclui-se que, assim como propõem Nilda Alves, no texto “Só as artes nos salvam – Tantas crianças que há em nós”, a arte se apresenta como espaço de reencontro com a infância e de resistência ao produtivismo que atravessa a educação. As experiências vividas na oficina reafirmam a importância do sensível e do poético como caminhos formativos,



capazes de ampliar o olhar e cultivar a escuta. Assim, compreender o fazer artístico como ato pedagógico é reconhecer que a educação se fortalece quando acolhe a imaginação, o afeto e o gesto criador, elementos que nos permitem seguir acreditando que, de fato, “só as artes nos salvam”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda Guimarães; LIMA, Júlia da Silva; CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues;

GREGORIO, Talita Malheiros. **Só as artes nos salvam!!!! – as tantas crianças que há em nós**. Revista Digital do LAV, <https://share.google/1v8XjfnPUccIZn7s3>.

BARROS, Manoel de. *Ensaaios fotográficos*. In: _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Record, 2010

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel de. *O Guardador de Águas*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

BARROS, Manoel de. *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CEZAR, Pedro. (diretor). *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros* [documentário]. Brasil: 2008.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 177.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 136 p.

NÓVOA, António. Professor se forma na escola. *Nova Escola*, São Paulo, n. 220, p. 42-45, out. 2001.

O GLOBO. *Personalidades lamentam morte do poeta Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: O Globo, 13 nov. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/personalidades-lamentam-morte-do-poeta-manoel-de-barros-14549398>. Acesso em: 31 ago. 2025.



ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil: um manifesto*. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 224 p.

PEREC, Georges. *Approches de quoi? Cause commune*, n. 5, p. 3-4, fev. 1973.

PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de professores: identidade e saberes da docência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Direção: Pedro Cezar. Produção: Pedro Cezar, João Jardim. Rio de Janeiro: Pedro Cezar Produções, 2008. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch>

STEINER, Rudolf. *A arte da educação I: o estudo geral do homem*. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.

Recebido em: 30 de setembro de 2025.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2025.

Publicado em: 01 de janeiro de 2026.

Autoria:

Autor 1:

Danielle Lourenço de Campos

É Licenciada em Artes com ênfase em Teatro pela Unespar - Faculdade de Artes do Paraná. Pós-graduada em Educação Especial e Psicomotricidade pela Universidade Tuiuti. Discente do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná. Professora de artes, mediadora de leitura e contadora de histórias.

Instituição: Universidade Federal do Paraná

E-mail: contatodaniellecampos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6292-4574>

País: Brasil

Autor 2:

Maria Luiza Medeiros Faria

Graduanda da Universidade Federal do Paraná do curso de Pedagogia, participante do PIBID- Alfabetização e letramento em tempo integral, ativa nos programas de estágio da universidade no âmbito da educação infantil.

Instituição: Universidade Federal do Paraná

E-mail: mariaahluizaah14@gmail.com



Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3633-4058>

País: Brasil

Autor 3:

Márcia Baiersdorf

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2017), com a tese "Notas para uma educação integral: participação das crianças da Região da Capoeira dos Dinos (PR) na construção da experiência de mais tempo da escola em que estudam". Mestre em Educação por essa mesma Universidade (2007), com a dissertação "Experiências de leitura e escrita no computador: a recepção ao software Luz das Letras por adultos em processo de alfabetização".

Instituição: Universidade Federal do Paraná

E-mail: marcia.baiersdorf@ufpr.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6028-5031>

País: Brasil

Autor 4:

Eliane Carolina Dias Sobrinho Gonçalves

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Especialista em Novas Tecnologias Educacionais (Faculdade Facel, 2013), Educação Especial e Alfabetização e Letramento (UniSantaCruz, 2025) e concluindo o curso de especialização em Mídias na Educação pela UFPR. Professora da Rede Municipal de Ensino de Curitiba desde 2010. Atualmente, atua como supervisora do PIBID

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8550-6911>

E-mail: licarolletras@gmail.com

País: Brasil